



5051 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT06 - Educação Popular

ECONOMIA SOLIDÁRIA? ESPAÇO DE EDUCAÇÃO POPULAR E EMPODERAMENTO FEMININO
Josilaine Antunes Pereira - UNISINOS/PPGE - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Geraldo Augusto Locks - UNIVESIDADE DO PLANALTO CATARINENSE
Agência e/ou Instituição Financiadora: Não

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ESPAÇO DE EDUCAÇÃO POPULAR E EMPODERAMENTO FEMININO

Resumo

O objetivo deste artigo é repercutir a economia solidária enquanto espaço de educação popular comprometida com o empoderamento feminino. A abordagem é de natureza qualitativa, descritiva apoiada em pesquisa participativa, tendo a análise embasada na teoria do materialismo histórico e dialético. O campo empírico é o Planalto Catarinense, Santa Catarina, Lages cidade polo regional, onde a Universidade do Planalto Catarinense abriga a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares. O empreendimento econômico solidário em foco é as “Morenas do Divino”. A educação popular tem lugar proeminente na prática social orientada pelos princípios do reconhecimento de sujeitos coletivos, a educação enquanto prática de transformação social, o diálogo pedagógico, o encontro de saberes/fazeres não hierarquizados e a reflexão crítica. As referências teóricas são Freire, Adams, Moura, Brandão e Schönardie. A reflexão apontou a potência da educação popular ao proporcionar vivência de valores como, participação, solidariedade, conscientização, mediação geradora de empoderamento feminino.

Palavras-chave: Economia solidária. Educação popular. Empoderamento feminino. Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares.

Introdução

O campo empírico desta reflexão é a macrorregião do Planalto Catarinense constituída pela Associação dos Municípios da Região Serrana (AMURES). Segundo o Plano de Desenvolvimento do Governo de Santa Catarina 2030,

a macrorregião Planalto Serrano é constituída por 18 municípios, agrupados em duas ADRs, numa topografia formada por campos de altitude e serras. A macrorregião possui densidade demográfica muito baixa, a menor do Estado. Apesar disso, como mais da metade de sua população reside na cidade de Lages, a taxa de urbanização é próxima à média estadual. Esses dois aspectos implicam na existência de grandes vazios demográficos. (PDSC 2030, 2018, p. 140).

Esta macrorregião tem uma população estimada (2016) em 290 mil habitantes, ocupando uma área de 16.086,2 (kms); uma densidade demográfica de 17 habitantes por km². Renda domiciliar per capita (2010) de R\$/mês 744,00. Pessoas em situação de pobreza (2016) 49.629. (Idem, p. 140). Este mesmo documento constata que:

O Planalto Serrano possui população correspondente a 3,9% do total do estado, e PIB correspondente a 3,2%. Seu rendimento domiciliar per capita é 25% inferior à média estadual e possui, relativamente, número elevado de pessoas em situação de pobreza, mais de 49 mil pessoas, representando 9,5% do total do estado, muito acima de sua participação na população. Por essas razões, o Planalto Serrano configura-se como uma das macrorregiões de maior debilidade econômico-social. (PDSC 2030, 2018, p. 140).

Diante deste cenário torna-se um imperativo ético problematizar a presença e atuação da universidade no que concerne ao ensino, pesquisa e extensão. Estamos na contramão da tendência crescente do empresariamento da educação nas instituições de ensino superior. Nesta contradição afirmamos a universidade como espaço socialmente relevante, sobretudo, quando consideramos os dados acima a apontarem as debilidades econômico-sociais do território. Entendemos que a questão da desigualdade social é um dos significativos desafios estruturais a ser enfrentado e que, do ponto de vista do desenvolvimento territorial sustentável, a economia solidária constitui-se em resistência e alternativa ao modo de produção capitalista. Portanto, a pertinência e relevância deste texto está em demonstrar que a economia solidária enquanto prática social mediada pela educação popular torna-se ferramenta de inclusão social e de empoderamento feminino.

Desde 2013, um Grupo de Pesquisa vinculado ao Mestrado em Educação da Universidade do Planalto Catarinense,

institucionalizou a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares. (ITCP-UNIPLAC). Constituída por uma equipe de professores/as, acadêmicos/as e técnicos/as, procura disseminar a economia solidária por meio da construção e socialização de tecnologias sociais.

Dagnino (2014) problematizou o que se produz no ambiente universitário brasileiro, ao refletir a relação tecnologia convencional (TC), tecnologia social (TS) e a inclusão social (IS), sustenta que:

Temos de gerar uma nova cultura institucional que seja favorável à TS. Uma cultura institucional que viabilize uma agenda, de pesquisa e de formação de recursos humanos, coerente com a IS, a economia solidária, coerente com a TS, alargando seu nicho, no interior do conjunto de projetos que diferentes atores sociais impulsionam de forma aderente à TC. (DAGNINO, 2014, p. 32).

A ITCP incuba empreendimentos econômicos solidários em atividades de artesanato, corte e costura, panificação e constituição de cooperativas de trabalho de catadores de materiais recicláveis no âmbito da macrorregião do Planalto Catarinense; em articulação com outras entidades apoiadoras, acompanha a feira, participa do fórum e contribui com o desenvolvimento da política pública de economia solidária no município de Lages, que desde 2014 tem aprovada sua lei de economia solidária.

O que é feito quando se incuba estes empreendimentos solidários?

A metodologia de incubação foi reconhecida como uma Tecnologia Social, e sua reaplicação em escala, incentivada através da Rede de Tecnologia Social. O Edital, lançado em 2005 pela Rede, estabelece a seguinte definição: a incubação e apoio a empreendimentos solidários é uma metodologia de ensino, aprendizagem e transferência de tecnologia de gestão para a criação de empreendimentos, valorizando a autogestão e a inclusão social. O processo envolve a dimensão do letramento e acesso ao conhecimento e tecnologia. (VARANDA; BOCAIUVA, 2009, p. 28).

Nesta perspectiva, neste texto abordamos conceitualmente a economia solidária, educação popular e empoderamento feminino. Descrevemos aspectos de incubação de um empreendimento econômico solidário no campo empírico de atuação da ITCP-UNIPLAC, mediado pela educação popular e compreendido como uma opção geradora de inclusão e emancipação social.

Economia solidária, educação popular e empoderamento

A economia solidária, em cada tempo e lugar, ou mesmo em cada empreendimento, assume múltiplas configurações, pois não se enquadra num determinado padrão, dado que ela emerge da dinâmica dos processos socioeconômicos e culturais singulares nos quais encontram-se envolvidos seus protagonistas. Entretanto alguns determinantes são identificadores da presença desta “outra economia”.

Adams (2010), ao confrontar a economia solidária com a economia de mercado, diz que

[...] a economia solidária procura diferenciar-se das normas e valores da economia capitalista pela gestão coletiva – autogestão com base na propriedade social dos meios de produção, vedando a sua apropriação individual ou alienação particular. O controle e o poder de decisão pertencem aos associados, com igualdade de direitos; os gestores são os próprios trabalhadores, que coletivamente organizam e executam o processo produtivo e dispõem sobre o destino do excedente produzido; eles apropriam-se dos resultados do próprio trabalho ou assumem solidariamente eventuais prejuízos do empreendimento. (ADAMS, 2010, p. 67).

Do ponto de vista conceitual, a economia solidária é configurada pela ITCP-UNIPLAC, como uma economia de resistência e alternativa à economia de mercado. É visibilizada no empreendimento econômico que congrega os seguintes valores? autogestão, propriedade coletiva dos meios de produção, distribuição justa dos resultados do trabalho associado, cuidado com o meio ambiente, responsabilidade com o entorno social e valorização da diversidade de gênero, sexualidade e étnico-racial.

Neste contexto, a metodologia de incubação ocorre por meio da educação popular. Schönardie, afirma que:

Não há um conceito absolutamente definido para ser aplicado nas práticas de educação popular; há, evidentemente, fundamentos teóricos-metodológicos e em constante reconstrução; estes sempre com seu ponto de partida e de chegada na tessitura social. (SCHÖNARDIE, 2016, p.15)

A questão central, então, é saber quais são estes fundamentos teóricos-metodológicos próprios, pelos quais se identifica a educação popular. De certo modo implica em retomar novamente a pergunta feita por Brandão (2006): “O que é a educação popular?”. Considerando referenciais de diferentes teóricos destacados tais como, Torres, Brandão, Mejía, Paludo, Freire, afinados com a tradição da educação popular na América Latina, Schönardie (2016), enumera um conjunto de características teórico e metodológicas da educação popular? não existe uma única definição de educação popular; ela parte do reconhecimento da existência e do protagonismo histórico dos sujeitos e dos coletivos; a educação popular tem a vocação de produzir resistência; ela emerge como um movimento de caráter político com as classes populares por meio da educação; tem uma intencionalidade política emancipatória. Em síntese, a educação popular é, segundo Schönardie, (2016, p. 20 apud Paludo, 2001, p. 82) “uma prática educativa que propõe a ser diferenciada, isto é, comprometida com os interesses e a emancipação das classes subalternas”.

Gebara (2016) problematiza o binômio “educação” e “popular” numa perspectiva feminista e recomenda a necessidade de delimitar sua compreensão. Afinal, a palavra educação: “Que sentidos, que novas relações, que direções, que tempos, que idades, que propostas, que classes sociais, que ideologias estão nela implicadas?” (p.190). E a palavra popular leva a perguntar “quem é e o que é ‘o popular’? Trata-se do povo em geral, de um povo marcado por uma concepção de classe social? Trata-se dos pobres? Dos miseráveis? Dos que não tem acesso aos meios de comunicação social?” (GEBARA, 2016, p. 190).

Adams (2010) converge na perspectiva teórico e metodológica da educação popular supra citada ao entender esta modalidade de educação como prática socioeducativa voltada para a emancipação social. Com suas próprias palavras:

Em resumo, o compromisso da educação popular, na atual crise civilizacional, continua sendo o de contribuir no processo de transformação social, desde o lugar e ótica das classes marginalizadas e oprimidas, incluindo a dimensão subjetiva, social, cultural, política e econômica. (ADAMS, 2010, p. 16).

Os conceitos de economia solidária e educação popular, vistos por diferentes ângulos, permitem identificar a profunda simbiose entre estes dois campos. Os protagonistas dos empreendimentos econômicos solidários são sujeitos das classes populares; vivem em situação de vulnerabilidade social ou exclusão social e produtiva; lutam pela sobrevivência, nem sempre conseguem resolver problemas elementares da produção material da existência; sozinhos não conseguem superar a condição de pobreza, nem sair da camada mais baixa da hierarquia imposta pelo mundo moderno capitalista; não tem acesso aos capitais econômico, cultural e social, como descreve Souza (2017). Não encontram espaço na sociedade salarial prometida pela lógica do capital, mas nunca cumprida. Ou seja, encontram-se na informalidade. O caminho que se impõe na desesperança do emprego, é criar oportunidade de trabalho e renda.

A educação popular com seus princípios de reconhecimento dos sujeitos subalternizados, diálogo pedagógico, fortalecimento de vínculos, clara intenção de transformação da realidade, prática refletida resultando a práxis, tendo em vista uma postura de autonomia, de protagonismo emancipador dos/as sujeitos envolvidos/as – educadores/as e educandos/as – com fito de superar qualquer relação de dependência e submissão, torna-se a estratégia mais adequada para alcançar a emancipação de sujeitos individuais e coletivos de homens e mulheres.

O conceito de empoderamento pode ser compreendido em diferentes perspectivas, como educacional, econômico, políticas públicas, estética e afetividade. (BERTH, 2018). Na perspectiva desta autora, a percepção de empoderamento econômico, por exemplo, pode se expressar na melhoria da renda de um determinado grupo social, ou na esfera das políticas públicas, a instauração da renda básica mínima. Na estética e afetividade, a centralidade está na preocupação com a imagem social, os cuidados com o corpo, a magreza, o corte de cabelo ou sentimento de auto estima.

Berth (2018), alerta também para o caráter epistemológico e metodológico do fenômeno social do empoderamento. Afirma que esta prática é relacional, ou seja, ela não se dá apenas no foro individual, ela se expressa nas relações grupais. Tem caráter processual. Portanto, pensar em empoderamento é pensar em agrupamento de ações que sejam anticapitalistas, por exemplo, ou ações que fortalecem vínculos sociais e a solidariedade. Outra advertência desta autora é considerar que, indivíduos empoderados são importantes, mas não é o fim em si, pois é somente por meio de uma coletividade empoderada ser possível promover alterações nas estruturas sociais.

Na perspectiva educacional e latino-americana o empoderamento está vinculado a trajetória de diversos intelectuais entre eles destacamos Paulo Freire. Empoderamento visto como prática educativa que parte do processo de autoconscientização e culmina em transformação. Nesta concepção não é possível empoderar alguém, como “ninguém educa ninguém”. Nos empoderamos, nos educamos. O empoderamento é uma obra coletiva, os sujeitos se empoderam mediado por processos educativos.

No verbete “Empoderamento” desenvolvido por Guareschi no Dicionário Paulo Freire (2018), a abordagem inicia advertindo para os equívocos que o termo pode conduzir. Na perspectiva freireana, o termo

[...] deve ser tomado não no sentido de dar poder a alguém, em que o sujeito “recebe” de outro algum recurso (com merecimento dele ou sem), dentro de uma perspectiva individualista, mas no sentido de ativar a potencialidade criativa de alguém, como também de desenvolver e potencializar a capacidade das pessoas. (GUARESCHI, 2018, p. 182).

Como se dá o empoderamento? Guareschi, seguindo o pensamento de Freire, afirma que

É exatamente aqui que se coloca o momento do empoderamento: a tomada de consciência confere determinado poder às pessoas (e grupos), gerado a partir dos próprios sujeitos-agentes, por um lado. Ele não é outorgado, pelo contrário, é resultado de uma práxis de reflexão e de inserção crítica das pessoas, provocadas pelos problemas ou pelas perguntas problematizadoras que os colocam em ação. (IDEM, 2018, p. 183)

Concluimos, então, que para Freire, o empoderamento é um processo que emerge das interações sociais em que os sujeitos são historicamente construídos pelas relações que estabelecem no cotidiano. É a problematização da realidade que gera conscientização e, por conseguinte empoderamento.

Empoderamento feminino: o caso do empreendimento “Morenas do Divino”

“Morenas do Divino” é uma designação nativa, para indicar o empreendimento econômico solidário localizado no município de Rio Rufino, componente do território da macrorregião do Planalto Catarinense.

Trata-se de um município com área de 282,504 km², população de 2.436 habitantes, densidade demográfica de 8,62 hab/km² e um índice de Desenvolvimento Humano de 0,653. (IBGE, 2010) [1].

É um município essencialmente rural. A localidade do empreendimento chama-se Divino Espírito Santo e tem seu acesso desde a sede por doze quilômetros de estrada de chão. Embora geograficamente isolada constitui a segunda maior comunidade em número de habitantes, sendo ultrapassada apenas pelos habitantes da sede do município. A vila rural é formada por 220 (duzentos e vinte) habitações, aproximadamente, 850 (oitocentos e cinquenta) habitantes. Os primeiros estudos acadêmicos realizados sobre esta comunidade rural indicam a configuração sociocultural de comunidade remanescentes de quilombos.

As mulheres que integram o empreendimento “Morenas do Divino” são mães, negras e empobrecidas. Trabalham em casa e sazonalmente empregam-se em pomares de maçã ou em lavouras de fumo com intuito de somar na renda familiar.

Para demonstrar a articulação entre economia solidária, educação popular e empoderamento feminino, optamos por descrever algumas ações que estribam o processo de incubação do empreendimento e que pelos quais podem ser identificados ações geradoras de empoderamento.

Moura (2014) apresenta um quadro amplo das ações de incubação, sistematizando-o em três fases:

A primeira fase corresponde a um tempo de sensibilização e diagnóstico que inclui o diálogo de aproximação com os empreendimentos. Chamada de **pré-incubação**, nessa fase ocorre o estudo de viabilidade econômica do empreendimento, com estabelecimento de um plano de trabalho e com metas claramente estabelecidas em um processo dialógico instaurado entre equipe e empreendimento. Após essa fase, inaugura-se um período de trabalho intensivo de incubação propriamente dita, com uma presença forte da incubadora, porém dentro do princípio da subsidiariedade para não criar dependências. Essa é a fase chamada **Incubação**. Finalmente, na fase da **desincubação**, inaugura-se com o encaminhamento para a autonomia do empreendimento, com continuação de uma ação de acompanhamento e apoio (técnico, pedagógico e acesso a crédito, etc.), assessorias pontuais e estímulo para a sua inserção em redes ou outros projetos sociais (MOURA, 2014, p. 13).

A ITCP – UNIPLAC iniciou a fase de pré-incubação em 2017. Convém ressaltar que a aproximação da incubadora com a população da localidade do Divino Espírito Santo ocorreu pela mediação de uma agente do serviço público local. A agente concluiu a disciplina “Desenvolvimento Regional e a Economia Solidária” em um Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* com a realização de um estudo etnográfico sobre a localidade do Divino Espírito Santo. A pesquisa intensificou a inserção social da pós-graduanda. A participação, intencionalidade de envolvimento com seus pesquisados/as, e transformação social, ganharam concretude. Neste contexto, como refletem Adams e Moretti (2011), o pesquisador assume o compromisso de produzir um conhecimento emancipatório e transformador da realidade, participando inclusive dos projetos de luta dos sujeitos envolvidos.

Os primeiros passos da incubação das “Morenas do Divino”, materializaram-se por rápidos encontros de aproximação entre a equipe da ITCP e algumas moradoras mediados por diálogos que resultaram nas primeiras informações sobre a origem da localidade, formação social e situação socioeconômica. Por ocasião do segundo encontro, a pergunta mobilizadora das mulheres foi a seguinte:

O que vocês sabem fazer?

- *pão, bolachas, bolos, salgadinhos* - foi a resposta.

O que vocês tem de recursos para iniciar um grupo de trabalho com esta atividade?

- *nossos braços*, a segunda resposta.

Mas, de onde vocês vão adquirir recurso financeiro para comprar a matéria prima no início do trabalho? Foi quando na roda de conversa, um menino de sete anos, falou:

- *eu dou cinco reais (R\$ 5,00)*.

Diante daquela surpresa, as demais vinte e três mulheres afirmaram cada uma partilhar vinte reais (R\$ 20,00), gerando o recurso necessário para aquisição da matéria prima inicial. Desse modo iniciou o empreendimento solidário “Morenas do Divino”. A ilustração pode ser considerada superficial, mas contém neste início de pré-incubação valores intrínsecos da educação popular? a valorização de sujeitos de classes populares e subalternos, valorização do saber/fazer, ou seja, a identificação de potencialidades locais; a participação, a solidariedade, o diálogo pedagógico a partir das necessidades e interesses dos envolvidos nas ações educativas.

A segunda proposição que acelerou a pré-incubação foi o intercâmbio sugerido pela ITCP entre o grupo das “Morenas do Divino” e o empreendimento econômico solidário Art´Mulher localizado no bairro Novo Milênio, cidade de Lages, a 70 kms de distância. É que este empreendimento tem características que se assemelhavam ao projeto de futuro das mulheres do Divino Espírito Santo, tais como, mulheres pobres, composto por oito (08) integrantes ocupadas com atividade de panificação, semanalmente realizam comercialização de seus produtos, e expressa uma responsabilidade com o seu entorno social, um bairro de duzentos e trinta famílias, dos mais empobrecidos da cidade. Nesta oportunidade as mulheres visitantes também conheceram a feira de economia solidária que se realiza em Lages, todas as sextas-feiras.

Nesta última iniciativa de intercâmbio estava explícito a constituição de rede entre empreendimentos, o conhecimento da feira de comercialização onde as pessoas veem a materialidade da economia solidária. No dizer de Varanda e Bocayuva,

O apoio aos grupos de economia solidária também busca o estabelecimento e a potencialização de redes entre os empreendimentos. Nesse aspecto, cabe uma diferenciação entre as redes desencadeadas pelo capital empresarial e as redes sociais e produtivas, as quais se tem como perspectiva fomentar [...]. (VARANDA; BOCAYUVA, 2009, p. 46).

As redes desencadeadas pelo capital possuem a lógica de relações sociais mercantilizadas, formação de oligopólios e o fortalecimento da concorrência. Enquanto que as redes desencadeadas entre os empreendimentos do campo da economia solidária, buscam o fortalecimento de vínculos pessoais e coletivos, facilitar a comunicação, a troca de saberes e fazeres, espaço de formação cidadã, do viver, conviver e bem viver.

O encontro entre os dois empreendimentos “Morenas do Divino” e Art´Mulher foi mediado pela utilização da Roda de Conversa e a comensalidade. Gatti reflete sobre a técnica da Roda de Conversa:

Essa técnica [...] permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. (GATTI, 2005, p. 11)

A Roda de Conversa permitiu uma interação livre, um espaço de diálogo e de escuta, de diferentes vozes, com suas especificidades e identidades encontrara-se pela primeira vez. Partilhavam projetos comuns e utopias. Os integrantes da incubadora estavam conscientes destas práticas pedagógicas constituírem o processo de incubação mediado pelo diálogo e o consequente empoderamento de suas protagonistas.

Adams (2010), citando Mejía (2011), reconhece a importância e potência do diálogo pedagógico:

A partir de Paulo Freire, reconhecemos a mediação educativa/pedagógica libertadora no diálogo amoroso, relação horizontal, onde as situações limites, os conflitos, as opressões e as conquistas individuais e coletivas... onde estas se constituem mediações educativas e potenciais mediações pedagógicas alternativas que se identificam com uma opção político-pedagógica transformadora. Neste sentido, podemos identificar as pedagogias alternativas como crítico-transformadoras, uma vez que estas compreendem que a educação está sempre mediada por interesses econômicos e relações de poder em cujos jogos oportunizam-se a construção de relações sociais educativas capazes de transformar as formas de poder que dominam e produzem exclusões e segregações (MEJIA, 2011 apud ADAMS, 2010, p. 11).

A opção dos educadores e educadoras da ITCP foi pela eleição de uma relação horizontal entre os dois grupos de mulheres, uma mediação libertadora, interessada na mútua ajuda, troca de experiências e solidariedade. O processo de ensino e aprendizagem neste contexto, pode se tornar uma opção político pedagógica emancipatória.

Nossa prática tem demonstrado a força transformadora do ritual da alimentação em vista do de vínculo e das interações sociais. O caso em análise, foi realizado de modo partilhado. O empreendimento "Morenas do Divino" trouxe o alimento e a Art' Mulher fez a comida. Borges (2010), refletindo o tema da comensalidade, aborda a mesa como espaço de comunicação, hospitalidade e de interação social, não obstante as mudanças dos contextos e processos sociais:

Mesmo estando inserido neste contexto de industrialização e individualização, o alimento ainda tem um caráter agregador bastante significativo. Em torno dele reuniões familiares acontecem, negócios são fechados, amigos se encontram, faz-se comemorações, festas e rituais são celebrados. A partilha da mesma comida traz unicidade e comunhão. Faz com que as referências sejam próximas, ainda que não sejam as mesmas. (BORGES, 2010, p. 9).

Em visita da ITCP ao empreendimento "Morenas do Divino", ficou perceptível a satisfação de suas integrantes e avaliação do acerto metodológico em proporcionar aquela ação intergrupala. Um conjunto de medidas e decisões foram tomadas e assumidas nesta fase de pré-incubação, após este intercâmbio, como por exemplo, a definição do local de funcionamento do empreendimento e a aquisição dos primeiros equipamentos de trabalho.

A incubadora continuou suas ações no campo da formação, sobretudo no que tange aos princípios e valores da economia solidária; cursos de boas práticas em parcerias com instituições especializadas em panificação; tematização da ética e a elaboração do regimento interno. A prática educativa envolvendo a ITPC-UNIPLAC e as "Morenas do Divino" não é concebida isoladamente, mas constitui um conjunto de iniciativas que agem processual e organicamente, como reflete Moura:

O trabalho de incubação desenvolvido enquanto processo educativo fundamenta sua prática pedagógica nos pressupostos da Educação Popular, porque essa perspectiva teórico-metodológica contém os principais pontos de partida para o trabalho com grupos populares. Assim, a prática da incubação não deve ser compreendida como um mero conjunto de atividades e técnicas de ensino/aprendizagem, mas como forma de iniciar a construção coletiva de uma leitura do mundo a partir da realidade dos trabalhadores associados. Trata-se de um processo de aprendizagem que ocorre no espaço de trabalho e precisa estar intimamente relacionado aos problemas, às necessidades e aos anseios dos grupos. (MOURA, 2014, p. 15)

Um dos aspectos que reiteramos na metodologia de trabalho é a valorização do saber popular e o conhecimento científico em suas especificidades e complementaridades. O conhecimento da panificação, ou seja, da produção de bolachas, bolos, pães e outros correlatos, estava inscrito na cultura das mulheres que constituíram o empreendimento. Como vimos, este dado foi determinante na escolha da atividade a ser desenvolvida. O que os integrantes da incubadora perceberam foi a necessidade de novos aprendizados e aperfeiçoamento na área da panificação, por isto possibilitou o acesso a cursos de boas práticas. Neste sentido Moura afirma que:

uma metodologia de trabalho que leva em conta o saber popular e leva em consideração o conhecimento produzido dentro dos empreendimentos, reconhecendo-o como um conhecimento legítimo e necessário para a transformação da realidade. A metodologia de incubação busca estabelecer a aliança do conhecimento acadêmico com esse outro tipo de saber numa relação dialógica e destituída de hierarquização. (MOURA, 2014, p. 15).

Atualmente o empreendimento "Morenas do Divino" é compreendido em sua fase de incubação. Ou seja, consolidação do seu plano de trabalho, aperfeiçoamento do processo de produção e comercialização acompanhado pela presença da Incubadora. É quando podemos observar os indícios de empoderamento feminino.

As mulheres protagonistas criaram um novo espaço de sociabilidade no local de funcionamento do empreendimento. Algumas delas pensam em abandonar a condição de diaristas no trabalho sazonal nos pomares de maçã ou nas lavouras de fumo. Outras passaram a participar do Conselho Pastoral da Igreja Católica, até então um espaço de poder religioso e social ocupado exclusivamente por homens. Recentemente garantiram a continuidade do local que abriga as instalações do empreendimento, cuja propriedade é da Igreja Católica. Já discutem a médio prazo a construção de um centro comunitário de desenvolvimento local solidário. O desafio reside na dependência de algumas entidades apoiadoras, entre elas, a própria incubadora.

Foi notável o prêmio conquistado pelas "Morenas do Divino" em 12 de novembro de 2018. O empreendimento participou da V Edição do Prêmio Odair Firmino de Solidariedade, cujo tema foi "A Cultura da Paz para a Superação da Violência", como pode ser visualizada no sítio da Cáritas Brasileira [2].

Devemos enfatizar que, mais que o prêmio com certificado de participação, publicação da experiência e projeto em revista impressa e online, a estatueta símbolo do *Prêmio Odair Firmino de Solidariedade* e o valor de R\$ 5.000 (cinco mil reais), para fortalecer as ações da experiência/projeto, foi o processo pedagógico instalado. Para uma localidade, historicamente isolada e com inúmeras necessidades ou direitos negados, nem sempre atendidos por políticas públicas, as “Morenas do Divino” fizeram uma significativa inflexão histórica, na medida em que obtiveram visibilidade local, regional e nacional. Perceberam o reconhecimento de sua existência e pela trajetória de pré-incubação e incubação em movimento, identifica-se o empoderamento feminino em suas diferentes expressões, a saber, dimensão pedagógica, econômica, social, política e cultural.

Em outras palavras identificamos o processo, ainda que emergente, da emancipação social. No dizer de Adams

Emancipar-se significa, na presente análise, livrar-se do poder exercido por outros, aceder à maioria de consciência, capacidade de conhecer e reconhecer as normas sociais e morais. Nesse sentido, emancipação social vincula-se a autonomia individual e coletiva. É o contrário de dependência, submissão, alienação, opressão, dominação, falta de perspectiva. (ADAMS, 2010, p. 43).

Considerando as ações e fatos descritos acima, podemos inferir que vivenciamos um cenário no qual o projeto da economia solidária é mediado pela educação popular comprometida com os interesses de empoderamento feminino e emancipação das classes empobrecidas.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi repercutir os conceitos de economia solidária e educação popular à luz de teóricos destacados da educação popular na tradição latino-americana e da prática social desenvolvida pela ITCP-UNIPLAC no território do Planalto Catarinense. Refletimos, outrossim, a compreensão do conceito de empoderamento. Tivemos como referência no campo empírico onde vivenciamos ensino, pesquisa e extensão, ao focar um dos grupos incubados, as “Morenas do Divino” situado no município de Rio Rufino, localidade do Divino Espírito Santo. A descrição do processo de pré-incubação e incubação mediado pelos princípios e valores da educação popular confirmam nosso entendimento de que o caminho para o empoderamento feminino no caso analisado, a educação popular tem sido a mediação mais adequada e exitosa.

Isto não significa que este caminho seja linear. Ao contrário, ele é constituído por descontinuidades, avanços, contradições e conflitos. Melhor, a dinâmica dos processos educativos se dão dialeticamente. Como vimos neste trabalho, o diálogo pedagógico se constitui em importante mediação educativa na resolução dos conflitos, situações de opressões e empoderamento feminino, de pessoas e grupos sociais.

O percurso do empreendimento econômico solidário “Morenas do Divino” está em estágio inicial de sua construção. Tem longo caminho a percorrer. Ao finalizar esta reflexão, numa perspectiva de auto e hetero avaliação, pode ser útil o alerta de Freire (1976), citado por Adams (2010), ou seja:

[...] aspectos limitantes das mediações pedagógicas? a sectarização, o medo da liberdade, a prescrição, a racionalização, o fatalismo, a autodesvalia dos oprimidos, o ativismo ou intelectualismo, a educação bancária, a ação social de caráter paternalista, atuação de lideranças carismáticas populistas e dominadoras. (FREIRE, 1976, p. 67-68, apud, ADAMS, 2010, p. 41)

Nossa prática educativa permite adensar a lista dos riscos problematizados por Freire, tais como, a corrupção, o individualismo, a competição, comportamentos anti-éticos, o encapsulamento da experiência por agentes políticos, a competição ou luta pelo poder no bojo das ações coletivas.

Por fim, a disseminação da economia solidária, mediada pela educação popular, enquanto possibilidade de empoderamento feminino permite considerar que, o processo educativo se faz em contextos, circunstâncias e processos relacionais, podendo ser conflitivo ou de solidariedade. E, que de fato, o empoderamento é construído por meio da interação social e a consciência adquirida nos processos educativos em que estão envolvidos pessoas ou grupos.

Referências

ADAMS, Telmo. **Educação e Economia Popular Solidária: mediações pedagógicas do trabalho associado**. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

ADAMS, Telmo. MORETTI, Cheron Zanini. **Pesquisa Participativa e Educação Popular: epistemologias do Sul**. Educ. Real. Porto Alegre. v. 36, n. 2, p. 447-463, maio/ago. 2011.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BORGES, Ana Marta de Brito. **Comensalidade: a mesa como espaço de comunicação e hospitalidade**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Caxias do Sul, RS - 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3247-1.pdf> Acesso em: 10.04.2019.

DAGNINO, Renato. **A tecnologia social e seus desafios**. In: **Tecnologia Social: contribuições conceituais e metodológicas**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livros, 2005.

GEBARA, Ivone. **Educação Popular: a ressignificação das expressões**. In.: CASTRO, Amanda M.; MACHADO, Rita de

Cássia F. **Estudos Feministas, Mulheres e Educação Popular**. Curitiba: CRV, 2016.

GUARESCHI, Pedrinho. VERBETE: Empoderamento. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (orgs.). Coordenação geral Danilo R. Streck. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MOURA, Eliana Perez Gonçalves de. **O que fazemos quando incubamos?** In: SCHOLZ, Robinson Henrique. **Economia Solidária e Incubação: uma construção coletiva de saberes**. São Leopoldo, RS: Oikos, 2014.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DE SANTA CATARINA 2030. **PDSC 2030**. Governo do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2018. Disponível em: file:///C:/Users/Cliente/Downloads/Plano_SC_2030_VersaoFINAL.pdf. Acesso em: 31. jul. 2018.

SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo. **Uma análise crítica da educação popular como política pública**. In: **Educação Popular e Políticas Públicas: reflexões a partir de diferentes lugares e olhares**. SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo; ANDRIOLI, Liria Ângela; FRANTZ, Walter. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão á Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

VARANDA, Ana Paula de MOURA; BOCAYUVA, Pedro Claudio Cunca. **Tecnologia Social, Autogestão e Economia Solidária**. Rio de Janeiro: FASE | Ippur | Lastró | UFRJ, 2009.

[1] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/rio-rufino/pesquisa/37/30255>. Acesso em 30 de julho de 2018.

[2] <http://caritas.org.br/39459-2/39459>